

A Metodologia de Kristiansen e Indarti para Identificar Intenção Empreendedora em Estudantes de Ensino Superior: Comparando Resultados Obtidos na Noruega, Indonésia e Alagoas

Thiago Cavalcante NASCIMENTO (UFRN)

Anderson de Barros DANTAS (UFAL)

Paulo da Cruz Freire dos SANTOS (UFAL)

Manoel Veras de SOUSA NETO (UFRN)

Antonio Gil da COSTA JÚNIOR (UFRN)

Resumo

Este artigo apresenta uma comparação de potencial empreendedor entre estudantes noruegueses, indonésios e alagoanos utilizando uma metodologia criada por Kristiansen e Indarti (2004). A metodologia propõe a identificação de determinantes da intenção empreendedora e tem como principal objetivo a comparação do impacto dos resultados em diferentes contextos econômicos e sociais. Ela utiliza uma escala formada por 5 constructos (Necessidade de Realização, Locus de Controle, Auto eficácia, Busca por Informações e Intenção Empreendedora) e 15 variáveis. A pesquisa seguiu uma abordagem quantitativa e descritiva. Foram utilizados os resultados do estudo realizado por Kristiansen e Indarti, com dados coletados na Noruega e Indonésia e de uma nova onde foram aplicados 339 questionários em universitários de quatro instituições de nível superior. Comparando-se os dados coletados por Kristiansen e Indarti com os obtidos no Brasil verificou-se uma melhor adequação da metodologia aos alagoanos.

1. INTRODUÇÃO

A atividade empreendedora e a própria figura do empreendedor, cada vez mais, ganham destaque no turbulento ambiente econômico em que se depara a sociedade, como alternativa para geração de emprego e renda.

No Brasil isso ocorre através da criação de micro e pequenas empresas que segundo o IBGE (2003) contribuem para o desenvolvimento econômico do país amortecendo o desemprego de uma grande parcela da população com níveis de qualificação menos elevados.

Nessa perspectiva, Mazzarol *et al* (1999) afirmam que os empreendedores têm criado organizações e seu impacto sobre a sociedade.

De acordo com Dias (2001), a partir do século XX, as sociedades ocidentais têm passado por mudanças advindas do capitalismo, da tecnologia e de outras variáveis que ocasionam uma série de implicações no universo social. O fator tecnologia favoreceu a automação do trabalho, gerando desemprego e mortalidade de empresas, que não conseguiram acompanhar o desenvolvimento tecnológico ocorrido durante o século XX. Este, entre outros fatores, fez com que os indivíduos buscassem alternativas de sobrevivência, as quais, geralmente, culminam em ações empreendedoras.

O efeito de transformações paradigmáticas, presenciado neste início de milênio, pode assegurar que a sociedade está vivendo sob a égide das mudanças marcadas por uma nova sociedade emergente e por uma nova visão empreendedora de extrema relevância (FELÍCIO JR., 2002).

Cabe citar que apesar de ter sua importância reconhecida no que diz respeito ao desenvolvimento de novos negócios, a atividade empreendedora no Brasil está, muitas vezes, direcionada a um meio de sobrevivência, ou seja, uma alternativa de geração de emprego e renda também conhecido como empreendedorismo por necessidade. (GEM, 2006; ALMEIDA; BENEVIDES, 2005; CÂMARA *et al.*, 2005; BARRETO *et al.*, 2006; NASCIMENTO JR.; DANTAS; SANTOS, 2005).

Justificando a crescente importância dos estudos direcionados ao empreendedorismo, Peter Drucker (1987) já assinalava que a figura do empreendedor é necessária para a sociedade e a economia por gerar inovação.

Dolabela (2003, p. 21) acrescenta novos elementos à discussão ao afirmar que “a necessidade de aumentar a capacidade empreendedora não é apenas resposta à retração atual do nível de emprego – verdadeira –, mas decorrência direta de novos padrões de relações sociais e políticas que incluem o mercado, mas não se limitam a ele”.

Diante disto, a mensuração do potencial empreendedor é importante tanto para aqueles que acreditam no ensino do empreendedorismo quanto para os que postulam que as características empreendedoras são virtudes intrínsecas à personalidade do indivíduo. Para os primeiros, os resultados deste tipo de pesquisa serviriam na avaliação do grau/nível empreendedor em que os indivíduos se encontram para, a partir daí, complementar os ensinamentos necessários. Para o segundo grupo, a avaliação torna-se imprescindível como indicador na escolha de projetos pelos *Venture Capitalists*. A grande questão que se coloca é o da confiabilidade de tais instrumentos de mensuração.

Neste ponto, urge verificar os instrumentos que vêm sendo desenvolvidos por estudiosos da vertente comportamental em diversas localidades, submetendo-os a comparações que podem influenciar positiva ou negativamente sua aplicabilidade em diferentes locais, em decorrência de fatores sociais, culturais e econômicos que agem sobre o indivíduo.

Sob esta perspectiva, a pesquisa teve por objetivo avaliar, em Alagoas, a metodologia desenvolvida por Kristiansen e Indarti (2004) em estudos na Noruega e Indonésia, através de uma comparação de seus resultados com estudantes universitários alagoanos.

2. EMPREENDEDORISMO

As discussões acerca do tema empreendedorismo, como se verificam atualmente, podem ser consideradas um fenômeno recente, e são decorrentes da crença de que os empreendedores são atores fundamentais para o desenvolvimento econômico e para a redução de disparidades sociais num cenário de incertezas cada vez mais complexas, onde a capacidade de inovar aparece como fator essencial para qualquer atividade relacionada ao ambiente corporativo.

A literatura que apoia esta ideia está baseada em Schumpeter (1934) e Leibenstein (1968) que procuram explicar qual o papel do empreendedor no desenvolvimento econômico. Outros autores como Baumol (1968) já abordam outra temática ao tentar contextualizar o empreendedorismo na teoria econômica e diferenciar a figura do empreendedor de um gestor organizacional comum.

Com o crescimento das discussões sobre o tema, principalmente após os escritos de Schumpeter (1934), o empreendedorismo passou a ser visto não apenas como um fenômeno dentro da esfera econômica e ganhou novas perspectivas de estudo como a psicológica apoiada nos estudos de McClelland (1961).

Apesar dessa temática ter sua ascensão apoiada nos escritos elaborados por Schumpeter (1934), principalmente com base no conceito de destruição criativa (em que esta ocorreria se as estruturas de mercado fossem destruídas pela entrada competitiva de novas combinações inovadoras que impulsionassem a evolução dinâmica da economia), alguns autores o precederam no estudo do empreendedor, como Cantillon (1755) e Jean-Baptiste Say (1832).

A primeira definição de empreendedor foi dada por Cantillon (1755) no século XVIII referindo-se a pessoas que compravam matéria-prima e a vendia a terceiros, identificavam oportunidades de negócio e além de lidar com inovação, investiam seus próprios recursos e corriam riscos.

Nessa perspectiva Nascimento Jr., Dantas e Santos (2005) argumentam que Cantillon foi pioneiro na defesa do empreendedor no cenário econômico, segmentando suas teorias em três classes: os empreendedores, os proprietários de terra e os trabalhadores, considerando os empreendedores os responsáveis pelas mudanças e pelo desenvolvimento do sistema produtivo.

Em relação à Say, Guimarães (2004) afirma que este pode ser considerado o pai do empreendedorismo e que juntamente com Cantillon considerava o empreendedor a pessoa que aproveitava oportunidades com o objetivo de obter lucro e assumir riscos, além de associar o empreendedor à inovação. Jean-Baptiste Say também é analisado sobre diferentes óticas, como a apontada por Drucker (1987) que argumenta que Say considerava o empreendedor como aquele que transferia recursos de um setor de produtividade baixa para um setor de produtividade mais elevada e de maior rendimento.

É interessante acrescentar que apesar de todo o avanço acerca da temática que envolve o empreendedorismo, não é possível dizer ao certo quando surgiu a figura do empreendedor, apesar de alguns autores o tentarem como Dutra e Previdelli (2003) ao afirmar que manifestações empreendedoras remontam às práticas mercantis, como as dos fenícios e árabes, as quais proporcionaram o crescimento e desenvolvimento econômico da maioria dos continentes civilizados; Dornelas (2001) sugere que o primeiro exemplo de empreendedor poderia ser relacionado a Marco Polo, quando este assinou um contrato para vender mercadorias de outro homem, assumindo papel ativo, correndo todos os riscos físicos e emocionais, na tentativa de estabelecer uma rota comercial para o Oriente.

Apesar das inúmeras divergências sobre quando o empreendedor surgiu, quais as características que predominam em seu ambiente psicológico e qual seu papel no cenário

empresarial contemporâneo, inúmeras outras questões surgem constantemente, principalmente em relação à importância da figura do empreendedor no desenvolvimento econômico.

Com a crescente importância do empreendedorismo na sociedade, instituições foram criadas para dar suporte ao desenvolvimento de atividades empreendedoras. O principal exemplo disto é o *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), formado como um consórcio de diversas universidades de diferentes localidades que coletam dados anualmente sobre o empreendedorismo no mundo e que afirma que os países que proporcionam o desenvolvimento da atividade empreendedora apresentam níveis mais elevados de competitividade devido à inovação, aplicação de tecnologia e criação de novos mercados. (GEM, 2006).

No Brasil, alguns exemplos de instituições voltadas para apoiar a atividade empreendedora são o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) que tem como base de sua filosofia o apoio à abertura e expansão de pequenos negócios e a Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (Anprotec) que tem como objetivo dar apoio às incubadoras de empresas.

Além disso, o tema empreendedorismo já se tornou fato nas Instituições de Ensino Superior (IES), através de disciplinas específicas para o estudo desta temática, crescimento do número de pesquisadores interessados no tema e a criação de grupos de pesquisa específicos para discutir o assunto.

3. COMPORTAMENTO EMPREENDEDOR

Os estudos direcionados à análise das atitudes empreendedoras são, na maioria das vezes, desenvolvidos sob a ótica comportamentalista, com base em pesquisas realizadas por McClelland (1961).

O empreendedor é aquela pessoa capaz de criar uma visão, persuadir terceiros, atrair sócios, envolver colaboradores, convencer investidores, desenvolver pessoas com energia e perseverança. Além de tudo possui a paixão para construir algo do nada, ao acreditar que pode colocar a sorte a seu favor ao assumir esta mesma sorte como decorrência do trabalho árduo, entendendo que ela faz parte do trabalho duro. (DOLABELA, 1999a).

Ao avançar em tal perspectiva, Filion e Dolabela (2000) afirmam que o empreendedor se configura como um sujeito atento aos acontecimentos com o intuito de traçar diretrizes, corrigir rumos e, desta forma, atingir os espaços por ele almejados. Em suma, o empreendedor se mantém permanentemente alerta aos mínimos sinais de mudanças face à consciência do grande impacto que elas podem vir a assumir tanto em seus negócios quanto em suas vidas.

Os autores assumem que o comportamento empreendedor faz parte de um processo que comporta várias dimensões da vida e admite diferentes escolhas. Filion e Dolabela (2000, p. 25) ainda definem empreendedor como “uma pessoa que empenha toda a sua energia na inovação e no crescimento, manifestando-se de duas maneiras: criando uma empresa ou desenvolvendo alguma coisa completamente nova em uma empresa preexistente”. Dornelas (2001, p. 19) complementa esta definição, afirmando que:

Os empreendedores são pessoas diferenciadas, que possuem motivação singular, apaixonadas pelo que fazem, não se contentam em ser mais um na multidão, querem ser reconhecidas e admiradas, referenciadas e imitadas, querem deixar um legado. (DORNELAS, 2001, p.19).

Neste caminho, surgem alguns conflitos em relação aos “pré-requisitos” definidos para o empreendedor, ou seja, em relação às características que formam o potencial empreendedor.

O estudo de McClelland (1961), o precursor desse tipo de análise, foi considerado um dos mais relevantes, no que diz respeito à determinação das características empreendedoras. Em seu trabalho o pesquisador considerou que as principais variáveis relacionadas ao comportamento empreendedor dizem respeito à busca por oportunidades, busca por

informação, comprometimento, persistência, capacidade de planejamento, autoconfiança, assumir riscos calculados e poder de persuasão.

Já no estudo realizado por Kristiansen e Indarti (2004), foram consideradas como características empreendedoras a intenção de empreender, a necessidade de realização, a busca por informação, o lócus de controle e a auto eficácia.

Em relação ao contexto brasileiro, Paiva Jr., Leão e Mello (2003) realizaram um estudo onde as competências associadas aos comportamentos de dirigentes de perfil empreendedor encontradas foram: competências de oportunidade, relacionamento, conceituais, administrativas, estratégicas, comprometimento e competências de equilíbrio trabalho/vida pessoal.

Como pode ser visto, ainda não foi possível estabelecer uma convergência científica que determine o perfil ideal de um empreendedor. Segundo Pereira e Costa (2006) isto ocorre devido a inúmeros fatores que podem estar relacionados ao nível de escolaridade, a religião, a cultura familiar, a experiência profissional, entre outros.

Mesmo sem conotações determinísticas, estas características contribuem para a identificação e a compreensão de comportamentos que podem levar o empreendedor ao sucesso. (DOLABELA, 1999b). O desenvolvimento de métodos de avaliação que busquem uma maior clareza e objetividade ao caracterizar o perfil empreendedor podem ser úteis para os diversos atores envolvidos nos processos de inovação organizacional, crescentemente requeridos pela sociedade.

4. O MODELO DE KRISTIANSSEN E INDARTI

A metodologia desenvolvida pelo norueguês Stein Kristiansen (professor da Agda University College) e pela indonésia Nurul Indart (professora e pesquisadora da Gadjah Mada University), em 2004, propõe a mensuração da intenção empreendedora, através do estabelecimento de 5 constructos (Necessidade de Realização, Lócus de Controle, Eficácia Própria, Busca por Informação e Intenção Empresarial), subdivididos em 15 variáveis, que assumem o formato de um questionário estruturado.

O modelo de pesquisa elaborado por Kristiansen e Indarti (2004) toma por base uma série de fatores como elementos formadores da intenção empresarial e os diferencia em três grupos analíticos: 1) fatores demográficos e contexto individual; 2) personalidades e atitudes; e 3) elementos contextuais.

Em relação aos fatores demográficos e o contexto individual os autores argumentam que inúmeros estudos dão suporte ao fato de que características demográficas como o gênero e a idade e o contexto individual como experiência profissional e nível educacional exercem impacto sobre o comportamento empreendedor (KRISTIANSSEN; INDARTI, 2004).

O grupo referente à personalidade e atitudes foi formado por constructos referentes à necessidade de realização, lócus de controle e eficácia própria. As variáveis relacionadas à necessidade de realização foram construídas com base nos estudos de McClelland no qual a presença deste traço comportamental influencia indivíduos a uma melhor intenção empreendedora. O lócus de controle foi analisado como uma característica que indica o nível individual de controle dos sentimentos dos indivíduos e a eficácia própria como a crença de uma pessoa em executar determinada tarefa (KRISTIANSSEN; INDARTI, 2004).

No que concerne aos elementos contextuais, os autores argumentam em sua base teórica que fatores ambientais como características culturais, rede de relacionamentos, condições econômicas e políticas, bem como a infraestrutura institucional também afetam a intenção empreendedora. Os autores abordam três características fundamentais: acesso à capital; acesso à informação; e rede de contatos sociais. O acesso ao capital é tratado como um dos típicos obstáculos para a abertura de pequenos negócios. O acesso à informação foi

analisado como a frequência com que um indivíduo faz contato com diferentes fontes de informação. A última característica (rede de contatos sociais) foi analisada como uma série de laços formais e informais entre um ator central e demais atores para que um negócio consiga ser iniciado (KRISTIANSSEN; INDARTI, 2004).

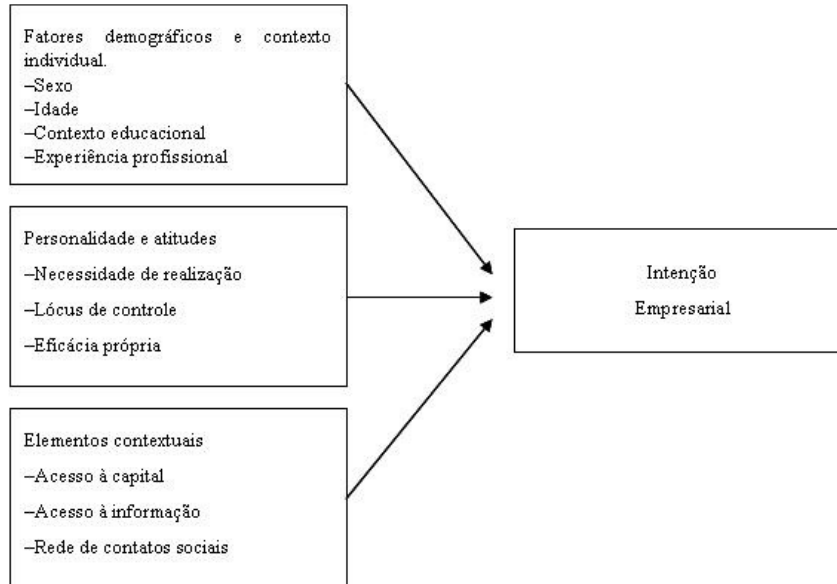


FIGURA 1 – O modelo de pesquisa
Fonte: KRISTIANSSEN; INDARTI (2004)

Com base em seu referencial teórico Kristiansen e Indarti (2004) elaboraram cinco hipóteses para análise empírica (também utilizadas neste estudo para dar suporte à proposta comparativa da pesquisa), listadas a seguir:

- H₁ – Fatores demográficos e o contexto individual, como a idade, sexo, educação e experiência profissional têm influência na intenção empresarial.
- H₂ – Necessidade de realização alta tem um impacto positivo na intenção empresarial.
- H₃ – Altas pontuações referentes a lócus de controle são correlacionadas positivamente com a intenção empresarial.
- H₄ – Altas pontuações referentes à eficácia própria são correlacionadas positivamente com intenção empresarial.
- H₅ – Busca por informação é um prognóstico significativamente positivo da intenção empresarial.

Cabe aqui destacar que a amostra utilizada por Kristiansen e Indarti (2004) foi constituída por 130 estudantes universitários da Gadjja Mada University (UGM) em Yogyakarta, na Indonésia, e 121 estudantes da Agder University College (AUC) em Kristiansand, na Noruega. Os questionários aplicados na língua de cada um dos países constituintes da amostra e a pesquisa de campo ocorreu entre abril de 2002 e julho de 2002.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a consecução do objetivo do estudo de avaliar, em Alagoas, o instrumento componente da metodologia de avaliação do comportamento empreendedor, desenvolvida por Kristiansen e Indarti (2004), através de uma pesquisa comparativa, optou-se por uma metodologia de natureza quantitativa, visto que se trabalhou essencialmente com escalas

numéricas, e caráter descritivo, onde variáveis foram observadas, registradas e correlacionadas, no decorrer do estudo. (CERVO; BERVIAN, 2002).

A amostra inicial do presente estudo foi composta por 420 estudantes de instituições de ensino superior. No entanto, a amostra final foi composta por 339 questionários. A exclusão de 81 questionários se deu em decorrência de falta de resposta em alguns quesitos que impossibilitariam a comparação com os resultados obtidos por Kristiansen e Indarti (2004) em seu estudo.

O processo de amostragem foi não probabilístico e se deu de acordo com o critério de acessibilidade. E, apesar de a margem de erro e o nível de confiabilidade serem desconsiderados neste tipo de procedimento, a quantidade de questionários aplicados representaria um erro próximo a 5,3%, considerando o nível de confiança em 95% com base nos procedimentos de amostragem infinita. Participaram da pesquisa os estudantes de graduação de 4 instituições de ensino superior, sendo uma delas federal e as demais particulares.

Todos os respondentes foram orientados para assinalar apenas um item em cada variável, correspondente ao grau de sua relação com a afirmação feita pelo instrumento, que possuía uma escala do tipo Likert de 7 pontos, onde o primeiro ponto representava total discordância e o sétimo ponto concordância total. A utilização de tal escala se deu por adequação com o modelo teórico utilizado como base da pesquisa.

Duas das variáveis do instrumento de coleta de dados (LC2 – Se eu não tiver sucesso em uma atividade/tarefa, eu tendo a desistir e IE2 – Eu quero seguir uma carreira como empregado(a) em uma empresa/organização) visualizadas no quadro a seguir, receberam tratamento de tabulação inversa para não enviesar a análise estatística. Tal procedimento se deu com base no fato de que estas variáveis caminham em sentido oposto ao que se espera de um empreendedor no arcabouço teórico deste estudo.

QUADRO 1
Constructos e Variáveis do Instrumento de Coleta de Dados

Necessidade de Realização	NR1	Em relação ao meu trabalho e / ou aos meus estudos eu me saio muito bem nas tarefas consideradas muito difíceis.
	NR2	Tento intensamente melhorar em relação ao que já realizei no passado.
	NR3	Busco responsabilidades adicionais nos trabalhos que me dão para fazer.
	NR4	Tento atuar mais do que os (as) meus (minhas) colegas.
Locus de Controle	LC1	Acredito que empenho e trabalho intenso geralmente levam ao sucesso.
	LC2	Se eu não tiver sucesso em uma atividade / tarefa, eu tendo a desistir.
	LC3	Eu, com certeza, não acredito em sorte.
Eficácia Própria	EP1	Eu tenho as habilidades de liderança que são necessárias para me tornar um (a) empreendedor (a).
	EP2	Eu tenho maturidade mental (psicológica) para começar a ser um (a) empreendedor (a).
Busca por Informação	BI1	Eu tenho acesso a capital parara começar a ser um (a) empreendedor (a).
	BI2	Eu tenho uma boa rede de contatos sociais que pode ser utilizada quando eu decidir me tornar um (a) empreendedor (a).
	BI3	Eu tenho acesso a informações de apoio para começar a ser um (a) empreendedor.
Intenção Empresarial	IE1	Eu quero seguir uma carreira como empreendedor (a).
	IE2	Eu quero seguir uma carreira como empregado (a) em uma empresa / organização.
	IE3	Eu prefiro ser um (a) empreendedor (a) do que um (a) empregado (a) em uma empresa / organização.

Fonte: Adaptado de KRISTIANSEN; INDARTI (2004)

Os dados coletados foram devidamente organizados e tabulados através do *software SPSS® – Statistic Package for Social Sciences*, por se apresentar adequado a estudos acadêmicos na área das ciências sociais.

O processo de análise de dados se deu através dos procedimentos estatísticos descritivos como média e desvio padrão e inferenciais como comparação de médias (*t-test*), correlação de Pearson e regressão múltipla seguindo exatamente os mesmos passos do estudo de Kristiansen e Indarti (2004).

O teste *t*, também conhecido como *t* de Student apresenta, segundo Malhotra (2006), distribuição próxima da normal. Este teste é utilizado para verificar diferenças entre dois grupos (pareados ou independentes), mais especificamente, em diferenças de médias (MALHOTRA, 2006; DANCEY, 2006).

O teste de correlação de Pearson é utilizado para verificar se existe um relacionamento entre duas variáveis discretas ou contínuas que siga a distribuição normal (DANCEY, 2006). De acordo com Cunha e Coelho (2007: p.140) a correlação “mede a força do relacionamento ou grau de associação entre duas variáveis. Duas variáveis são altamente correlacionadas se as mudanças ocorridas em uma delas estiverem fortemente associadas com as mudanças ocorridas na outra.”

A análise de regressão é uma técnica de análise multivariada que por meio de uma função matemática determina uma relação causal entre variáveis independentes e uma variável dependente (HAIR *et al*, 2005; CUNHA; COELHO, 2007; MALHOTRA, 2006). De acordo com Hair *et al* (2005: p.131) “análise de regressão é de longe a técnica de dependência mais amplamente usada e versátil, aplicável em cada faceta da tomada de decisões em negócios.” O autor ainda complementa dizendo que esta técnica consiste em “uma ferramenta analítica poderosa planejada para explorar todos os tipos de relações de dependência.”

6. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Inicialmente, foi traçado o perfil individual dos entrevistados, seguido de uma simples avaliação das características empreendedoras e após isso, seguiram-se os testes de hipóteses correspondentes aos mesmos procedimentos utilizados por Kristiansen e Indarti (2004).

QUADRO 2
Contexto Individual dos Respondentes

Itens		Noruegueses (n=121)		Indonésios (n=130)		Alagoanos (n=339)	
		n	%	n	%	n	%
Gênero	Feminino	45	37,2	64	49,2	178	52,5
	Masculino	76	62,8	66	50,8	161	47,5
Idade	< 25	61	50,4	110	84,6	256	75,5
	>= 25	60	49,6	20	15,4	83	24,5
Contexto Educacional	Disciplinas de Negócios	83	68,6	72	55,4	243	71,7
	Outras Disciplinas	38	31,4	58	44,6	96	28,3
Experiência Profissional	Sem Experiência	24	19,8	73	56,2	198	58,4
	Setor Público	26	21,5	8	6,2	46	13,6
	Setor Privado	51	42,1	47	36,2	92	27,1
	Ambos os Setores	20	20,0	2	1,5	3	0,9

Fonte: KRISTIANSEN; INDARTI (2004); Dados da pesquisa

Em relação ao contexto individual dos respondentes, é possível verificar que apenas em Alagoas o público feminino foi maior que o masculino, no entanto, tal diferença é muito pequena em relação aos alunos entrevistados por Kristiansen e Indarti (2004) na Indonésia. Sobre a idade, foi possível verificar que o público respondente em Alagoas se assemelha muito à realidade encontrada na Indonésia, com mais de 75% dos entrevistados com idade inferior a 25 anos, diferentemente da realidade encontrada na Noruega, onde praticamente não existem diferenças entre estudantes com idade inferior e superior a 25 anos. Estes resultados podem levar a questionamentos sobre as razões pelas quais estudantes de países em via de desenvolvimento apresentam idades proporcionalmente inferiores em relação aos estudantes de graduação de países desenvolvidos como a Noruega.

No que diz respeito ao contexto educacional, encontrou-se maior semelhança entre o público entrevistado em Alagoas com o da Noruega, onde, em ambos os casos, cerca de 70% dos alunos estão em cursos relacionados ao gerenciamento de negócios. Na Indonésia os entrevistados também são, em sua maioria, estudantes de cursos de negócios, no entanto, a representatividade foi menor. Esta diferença na proporção entre a Indonésia e a Noruega pode ser originada do procedimento de seleção dos indivíduos constituintes da amostra de Kristiansen e Indarti (2004).

Em relação à experiência profissional, foram obtidos resultados dispares em relação à Noruega em comparação com a Indonésia e Alagoas. Segundo os dados de Kristiansen e Indarti (2004) são poucos os estudantes noruegueses que não possuem experiência profissional, o que difere dos resultados encontrados na Indonésia e neste estudo sobre os estudantes alagoanos.

De forma geral, verifica-se que o Brasil não apresentou características de homogeneidade como nenhum dos dois países presentes no estudo de Kristiansen e Indarti (2004).

QUADRO 3
 Avaliação das Características Empreendedoras

Constructos	Variáveis	Noruegueses (n=121)		Indonésios (n=130)		Alagoanos (n=339)	
		Média	Desvio	Média	Desvio	Média	Desvio
Necessidade de Realização (NACH)	Em relação ao meu trabalho e / ou aos meus estudos eu me saio muito bem nas tarefas consideradas muito difíceis.	4,70	1,05	5,78	1,06	4,78	1,17
	Tento intensamente melhorar em relação ao que já realizei no passado.	4,95	1,12	6,20	0,98	6,01	1,08
	Busco responsabilidades adicionais nos trabalhos que me dão para fazer.	4,94	1,17	4,69	1,42	4,88	1,52
	Tento atuar mais do que os (as) meus (minhas) colegas.	4,56	1,37	5,92	1,03	4,59	1,62
Locus de Controle (LOC)	Acredito que empenho e trabalho intenso geralmente levam ao sucesso.	5,55	1,19	6,43	0,95	6,19	1,19
	Se eu não tiver sucesso em uma atividade / tarefa, eu tendo a desistir.	2,71	1,46	2,86	1,72	2,61	1,64
	Eu, com certeza, não acredito em sorte.	3,52	1,59	4,78	1,30	3,52	1,94

Eficácia Própria (SELFEFF)	Eu tenho as habilidades de liderança que são necessárias para me tornar um (a) empreendedor (a).	4,32	1,24	4,82	1,39	4,52	1,60
	Eu tenho maturidade mental (psicológica) para começar a ser um (a) empreendedor (a).	4,07	1,38	4,52	1,31	4,81	1,59
Rede de Relacionamentos (INSREAD)	Eu tenho acesso a capital parara começar a ser um (a) empreendedor (a).	2,57	1,61	3,66	1,50	2,65	1,72
	Eu tenho uma boa rede de contatos sociais que pode ser utilizada quando eu decidir me tornar um (a) empreendedor (a).	3,91	1,32	4,46	1,54	3,68	1,82
	Eu tenho acesso a informações de apoio para começar a ser um (a) empreendedor.	3,46	1,48	4,59	1,43	4,46	1,70
Intenção Empresarial (INTENT)	Eu quero seguir uma carreira como empreendedor (a).	2,86	1,40	4,75	1,54	4,54	1,92
	Eu quero seguir uma carreira como empregado (a) em uma empresa / organização	5,04	1,40	4,40	1,73	3,77	1,85
	Eu prefiro ser um (a) empreendedor (a) do que um (a) empregado (a) em uma empresa / organização.	3,28	1,62	5,03	1,55	5,02	1,88

Fonte: KRISTIANSSEN; INDARTI (2004); Dados da pesquisa

Seguindo os pressupostos metodológicos apontados por Kristiansen e Indarti (2004) em seu trabalho, foi realizado o teste de consistência interna utilizando-se o alfa de Cronbach para verificar a confiabilidade da escala. O resultado do teste foi de 0,718, o que permite dizer que a escala é confiável. (HAIR *et al*, 2005; MALHOTRA, 2006; RODRIGUES; PAULO, 2007).

De acordo com os dados apresentados no quadro 3, é possível verificar que em 12 dos 15 indicadores presentes no instrumento de coleta de dados os escores dos indonésios são maiores do que os dos noruegueses e dos alagoanos.

Os noruegueses apresentam maiores escores nas variáveis: “Busco responsabilidades adicionais nos trabalhos que me dão para fazer” e “Eu quero seguir uma carreira como empregado (a) em uma empresa/organização”. A primeira afirmação indica grande grau de compromisso em relação às atividades que se propõe a desenvolver e a segunda mostra que sua preferência está em trabalhar numa organização já estabelecida ao invés de assumir as inúmeras responsabilidades e riscos envolvidos na aberta e manutenção de um negócio próprio.

Em relação aos alagoanos, constata-se que apenas no indicador “Eu tenho maturidade mental (psicológica) para começar a ser um (a) empreendedor (a)” o escore médio foi superior aos demais. Apesar dos níveis educacionais baixos e da falta de qualificação profissional enfrentado pela população local somado ao conhecimento de que mais de 60% das micro e pequenas empresas no Brasil não sobrevivem aos quatro primeiros anos de vida (SEBRAE, 2004) e de que os empreendedores locais não possuem conhecimentos significativos sobre ferramentas de gestão (NASCIMENTO; DANTAS; MILITO, 2008), ainda assim, os estudantes acreditam que estão preparados para gerir seu próprio negócio.

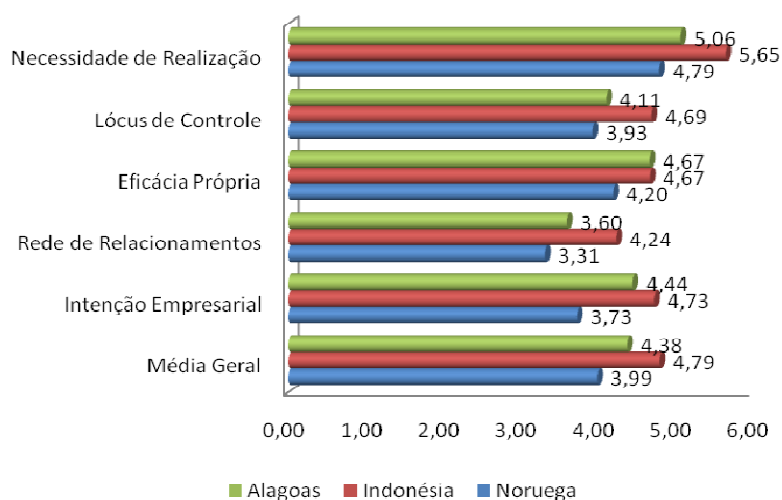


FIGURA 2 – Comparação de escores médios

Fonte: Adaptado de KRISTIANSEN; INDARTI (2004); Dados da pesquisa

Foi possível verificar que as características empreendedoras em análise se apresentam com maior intensidade nos indonésios em todos os constructos, seguido pelos alagoanos e noruegueses. Como a Indonésia não é um dos países presentes nos estudos do GEM não é possível comparar esses resultados com o *ranking* divulgado pela instituição em 2008. No entanto, se levarmos em conta apenas o Alagoas e a Noruega, verifica-se que os resultados encontrados nessa pesquisa se assemelham com os do GEM (2008) onde o Brasil aparece em nono lugar no *ranking* de empreendedores iniciais e a Noruega apenas na vigésima quarta colocação do mesmo *ranking*.

QUADRO 4

Comparação de Médias por Gênero

Público	Testes	Gênero	Constructos				
			NACH	LOC	SELFEFF	INSREAD	INTENT
Noruegueses (n=121)	Média	Mulheres	4,67	5,06	3,84	3,13	2,97
		Homens	4,87	4,99	4,41	3,43	3,08
	Desvio	Mulheres	0,84	1,15	1,16	1,14	0,97
		Homens	0,82	1,22	1,17	1,21	1,24
	<i>t-test</i>		-1,27	-0,06	-2,56*	-1,33	-1,51
Indonésios (n=130)	Média	Mulheres	5,57	5,51	4,21	3,98	4,24
		Homens	5,55	5,70	5,15	4,50	4,69
	Desvio	Mulheres	0,84	0,94	1,10	1,04	1,30
		Homens	0,81	0,80	1,22	1,35	1,45
	<i>t-test</i>		0,09	-1,27	-4,60**	-2,44*	-1,84
Alagoanos (n=339)	Média	Mulheres	5,12	5,07	4,70	3,43	4,59
		Homens	5,00	4,99	4,63	3,78	4,61
	Desvio	Mulheres	0,88	0,83	1,40	1,36	1,42
		Homens	0,86	0,95	1,40	1,48	1,49
	<i>t-test</i>		1,34	0,9	0,47	-2,22*	-0,11

Notas: *p<0,05, **p<0,01

NACH: *Need for Achievement*, LOC: *Locus of Control*, SELFEFF: *Self-efficacy*, INSREAD: *Instrumental Readiness*, INTENT: *Entrepreneurial Intention*

Fonte: KRISTIANSEN; INDARTI (2004); Dados da pesquisa

Têm-se a partir do quadro 4 o início dos testes relacionados às hipóteses do estudo de Kristiansen e Indarti (2004). A primeira hipótese pressupõe que fatores demográficos e o contexto individual, como a idade, sexo, educação e experiência profissional têm influência na intenção empresarial. Verifica-se, segundo o *t-test*, que não existem diferenças significativas em nenhum dos países em relação ao gênero dos entrevistados e sua intenção empresarial.

Também foi possível verificar que não existem diferenças significativas em relação à idade e à intenção empreendedora. Este resultado é condizente com os encontrados por Kristiansen e Indarti (2004). Em relação ao contexto educacional, verifica-se em Kristiansen e Indarti (2004) que na Indonésia existe uma diferença significativa entre os alunos que cursam disciplinas de negócios em comparação com os de outras áreas. Em Alagoas foi encontrado o mesmo resultado, com significância em 1% e a estatística *t* com valor de 2,70.

Sobre a experiência profissional constatou-se, em relação ao público alagoano, que não existem diferenças significativas entre o estudante ter ou não experiência profissional sobre a intenção empreendedora. Este resultado se assemelha ao dos estudantes noruegueses. (KRISTIANSEN; INDARTI, 2004).

Segundo essas descobertas, e em consonância com o estudo referência para o desenvolvimento deste trabalho, não é possível aceitar a primeira hipótese, uma vez que foi verificado, em Alagoas, que apenas o contexto de formação profissional atua com diferença significativa em relação à intenção empreendedora.

QUADRO 5

Coeficiente de Correlação de Pearson

Nacionalidade	Variáveis	Variáveis				
		NACH	LOC	SELEFF	INSREAD	INTENT
Noruegueses (n=121)	NACH					
	LOC	0,204*				
	SELEFF	0,339**	0,095			
	INSREAD	0,346**	-0,059	0,548**		
	INTENT	0,195*	-0,068	0,386**	0,433**	
Nacionalidade	Variáveis	Variáveis				
		NACH	LOC	SELEFF	INSREAD	INTENT
Indonésios (n=130)	NACH					
	LOC	0,335**				
	SELEFF	0,305**	0,212*			
	INSREAD	0,172	0,139	0,594**		
	INTENT	0,075	0,207*	0,457**	0,406**	
Nacionalidade	Variáveis	Variáveis				
		NACH	LOC	SELEFF	INSREAD	INTENT
Alagoanos (n=339)	NACH					
	LOC	0,129*				
	SELEFF	0,309**	0,102			
	INSREAD	0,220**	0,028	0,473**		
	INTENT	0,167**	0,141**	0,367**	0,314**	

Notas: *p<0,05, **p<0,01

 NACH: *Need for Achievement*, LOC: *Locus of Control*, SELEFF: *Self-efficacy*, INSREAD: *Instrumental Readiness*, INTENT: *Entrepreneurial Intention*

Fonte: KRISTIANSEN; INDARTI (2004); Dados da pesquisa

Em relação aos testes de correlação de Pearson, verificou-se que apenas os estudantes alagoanos obtiveram correlações significativas dos constructos necessidade de realização, locus de controle, eficácia própria e busca por informações em relação à intenção empresarial. Cabe salientar que a significância nestas situações foi representativa ao nível de 1%.

Outro resultado de destaque apresentado neste quadro diz respeito às maiores correlações encontradas. É possível verificar que no estudo de Kristiansen e Indarti (2004) os constructos relacionados à busca por informações e eficácia própria apresentam maiores correlações em ambos os países. Após a pesquisa em Alagoas, verificou-se a mesma tendência, ou seja, maior carga de correlação entre os mesmos fatores do estudo utilizado como base.

QUADRO 6
 Coeficientes de Regressão

Variáveis	Testes	Noruegueses (n = 121)	Indonésios (n = 130)	Alagoanos (n = 339)
NACH	B	0,034	-0,112	0,054
LOC		-0,079	0,145	0,172*
SELFEFF		0,219*	0,340*	0,271**
INSREAD		0,297**	0,203**	0,183**
R²		0,225	0,259	0,416
R² ajustado		0,198	0,236	0,163
F		8,424*	10,935**	17,432**

Notas: *p<0,05, **p<0,01

NACH: *Need for Achievement*, LOC: *Locus of Control*, SELFEFF: *Self-efficacy*, INSREAD: *Instrumental Readiness*, INTENT: *Entrepreneurial Intention*

Fonte: KRISTIANSEN; INDARTI (2004); Dados da pesquisa

Em relação à segunda hipótese do modelo de pesquisa (H₂ – Necessidade de realização alta tem um impacto positivo na intenção empresarial), verificou-se que em relação aos estudantes alagoanos não é possível detectar que a necessidade de realização exerce impacto significativo sobre a intenção empresarial. De acordo com esta constatação não é possível aceitar a segunda hipótese do estudo, da mesma forma que Kristiansen e Indarti (2004) em seu estudo.

No que concerne à terceira hipótese (H₃ – Altas pontuações referentes a locus de controle são correlacionadas positivamente com intenção empresarial), encontrou-se uma realidade diferente do que foi constatado por Kristiansen e Indarti (2004). Segundo os dados, é possível dizer com um nível p<0,05 que altas pontuações referentes a locus de controle influenciam positivamente na intenção empresarial dos estudantes alagoanos. Isso nos levar a aceitar a hipótese.

A quarta hipótese (H₄ – Altas pontuações referentes à auto eficácia são correlacionadas positivamente com intenção empresarial) foi significativa na pesquisa de Kristiansen e Indarti (2004) e em Alagoas. Neste último, com p<0,01, ou seja, nível de significância mais representativo do que na pesquisa que deu origem a este estudo. Desta forma é possível aceitar a hipótese de que a auto eficácia exerce influência significativa na intenção empresarial.

A quinta e última hipótese do estudo (H₅ – Busca por informação é um prognóstico significativamente positivo da intenção empresarial) também pôde ser aceita, com nível de significância ao nível de 1% nos três países.

Em relação aos pressupostos do modelo de regressão, detectou-se através do VIF e índice *Tolerance* verificou-se a presença de multicolineariedade em um nível aceitável. Por meio do teste de *Durbin-Watson* foi possível verificar ausência de auto correlação serial dos resíduos. O pressuposto de normalidade na distribuição dos resíduos também foi aprovado por meio do teste de Kolmogorov-Smirnov. O último pressuposto analisado foi o de homocedasticidade por meio do teste de Pesarán-Pesarán, constatando-se que os resíduos são homoscedásticos.

7. Considerações Finais

Este estudo teve por objetivo avaliar, em Alagoas, a metodologia desenvolvida por Kristiansen e Indarti (2004) em estudos na Noruega e Indonésia, através de uma comparação de seus resultados com estudantes universitários alagoanos.

Os resultados iniciais sobre caracterização do perfil dos entrevistados não apresentam grandes diferenças entre os estudantes alagoanos em relação aos da Noruega e Indonésia. No entanto, o nível de experiência profissional dos noruegueses é algo de destaque quando se compara com a realidade alagoana. No entanto, não foram constatadas diferenças significativas de médias em relação às características empreendedoras. Isto enfraquece o posicionamento de teóricos que defendem que a experiência profissional é fator determinante para o espírito empreendedor.

De forma geral, o instrumento demonstrou adaptabilidade à realidade local, uma vez que o comportamento das variáveis do instrumento de coleta de dados se aproximou significativamente dos resultados obtidos por Kristiansen e Indarti (2004).

Em às hipóteses do estudo, detectou-se um fato que vai em direção oposta à principal corrente teórica sobre a abordagem comportamental, ou seja, as baseadas nos estudos de McClelland (1961), sem deixar de excluir este estudo.

Uma destas hipóteses estava direcionada a verificar a influência de fatores sócio-demográficos na intenção empresarial, enquanto todas as outras se relacionavam a elementos comportamentais (necessidade de realização, *locus* de controle e eficácia própria) e contextuais (busca por informações). Em ALagoas, a única hipótese sobre elementos comportamentais que não pôde ser confirmada foi a seguinte: “Necessidade de realização alta tem um impacto positivo na intenção empresarial”. Vale citar que está hipótese também foi rejeitada no estudo de Kristiansen e Indarti (2004) em relação a ambos os países pesquisados pelos autores.

Ainda foi possível verificar que o comportamento empreendedor dos estudantes universitários alagoanos se aproxima muito dos níveis apresentados pelos indonésios, e que os fatores sócio-demográficos se distribuíram de forma semelhante. Como a pesquisa não é cabível de generalização, uma vez que a quantidade de IES estudada representa uma parcela muito pequena da população, não é possível afirmar que a distribuição de tais características ocorra no restante do país de forma semelhante, tão pouco que as características comportamentais serão as mesmas. No entanto, levanta mais um questionamento, desta vez, relacionado aos fatores culturais e de poder econômico de um país ou região sob o desenvolvimento de características empreendedoras. Até que ponto tais fatores exercem e como exercem influência sob o desenvolvimento destas características?

As principais limitações do estudo recaem sobre a não representatividade da amostra, o que impede que sejam traçadas inferências sobre o público-alvo do estudo e o fato de se ter trabalhado com o teste *t* de *Student* de forma inadequada, uma vez que variáveis em escala de *likert* dificilmente se comportam de acordo com a distribuição normal (pressuposto do teste), mas que foi necessário para que fosse possível comparar os resultados com os de Kristiansen e Indarti (2004).

Referencias

- ALMEIDA, D. R.; BENEVIDES, T. M. Perfil do micro e pequeno empresário que busca desenvolver a cultura empreendedora: o caso de um município baiano. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 29., 2005, Brasília. *Anais...* Brasília: ANPAD, 2005.
- BARRETO, R. R. *et al.* Potencial empreendedor: uma comparação sob três metodologias. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 26., 2006, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: ABEPRO, 2006.
- BAUMOL, W. J. Entrepreneurship in economic theory. *The American Economic Review*, v. 58, n. 2, p. 64-71, 1968.
- CÂMARA, S. F. *et al.* Os empreendedores e as atividades organizacionais: analisando o processo cognitivo e as práticas administrativas em pequenos negócios. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 29., 2005, Brasília. *Anais...* Brasília: ANPAD, 2005.
- CANTILLON, R. *Essai sur la nature du commerce en général*. Londres: Chez Fletcher Gyles dans Holborn, 1755.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. *Metodologia científica*. 5 ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- CUNHA, J. V. A.; COELHO, A. C. Regressão linear múltipla. In.: CORRAR, L. J.; PAULO, E.; DIAS FILHO, J. M. (Coord.). *Análise multivariada para os cursos de administração, ciências contábeis e economia*. São Paulo: Atlas, 2007.
- DANCEY, C. P. *Estatística sem matemática para psicologia*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DIAS, E. L. *Um estudo comparativo entre empreendedores e intraempreendedores sobre os valores referentes ao trabalho*. Florianópolis, 2001. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- DOLABELA, F. *Oficina do empreendedor*. 2. ed. São Paulo: Cultura, 1999a.
_____. *O segredo de Luísa*. São Paulo: Cultura, 1999b.
_____. *Pedagogia empreendedora*. São Paulo: Cultura, 2003.
- DORNELAS, J. C. A. *Empreendedorismo: transformando idéias em negócios*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- DRUCKER, P. F. *Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship): prática e princípios*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1987.
- DUTRA, I. S.; PREVIDELLI, J. J. Perfil do empreendedor versus mortalidade de empresas: estudo de caso do perfil do micro e pequeno empreendedor. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 27., 2003, Atibaia. *Anais...* Atibaia: ANPAD, 2003.
- FELÍCIO JR., J. *Learning organization numa instituição de ensino superior: uma proposta empreendedora*. Pedro Leopoldo, 2002. 157 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração) – Fundação Cultural Dr. Pedro Leopoldo, Pedro Leopoldo, 2002.
- FILION, L. J. *et al.* *Boa idéia! E agora: plano de negócio, o caminho seguro para criar e gerenciar sua empresa*. São Paulo: Cultura, 2000.
- GEM – *Global Entrepreneurship Monitor*. Empreendedorismo no Brasil - 2004 – Curitiba 2006.
_____. Empreendedorismo no Brasil - 2007 – Curitiba 2008.

- GUIMARÃES, T. B. C. Análise epistemológica do campo do empreendedorismo. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 28., 2004, Curitiba. *Anais...* Curitiba: ANPAD, 2004.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *As micro e pequenas empresas comerciais e de serviços*. Rio de Janeiro, 2003.
- KRISTIANSEN, S.; INDARTI, N. Entrepreneurial intention among Indonesian and Norwegian students. *Journal of Enterprising Culture*, v. 12, n. 1, p. 55-78, 2004.
- LEIBENSTEIN, H. Entrepreneurship and development. *The American Economic Review*, v. 58, n. 2, p. 72 – 83. May, 1968.
- MALHOTRA, N. *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. 4 ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.
- MAZZAROL, T. *et al.* Factors influencing small business start-ups: a comparison with previous research. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*. v. 5. n. 2. 1999.
- McCLELLAND, D. C. *The Achieving Society*. Princeton: Van Nostrand, 1961.
- NASCIMENTO, T. C.; DANTAS, A. B.; MILITO, C. M. Empreendedorismo e gestão de negócios: análise de uma possível convergência. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 32., 2008, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPAD, 2008.
- NASCIMENTO JR., O. R.; DANTAS, A. B.; SANTOS, P. C. F. Prospecção do potencial empreendedor: validação de uma proposta metodológica. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 29., 2005, Brasília. *Anais...* Brasília: ANPAD, 2005.
- PAIVA JR., F. G.; LEÃO, A. L. M.; MELLO, S. C. B. Competências empreendedoras em comportamentos de dirigentes de êxito socialmente reconhecido. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 27., 2003, Atibaia. *Anais...* Atibaia: ANPAD, 2003.
- PEREIRA, C. E. C.; COSTA, A. C. S. Potencial empreendedor dos alunos do ensino médio em escolas públicas e privadas de Maceió. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 26., 2006, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: ABEPRO, 2006.
- RODRIGUES, A.; PAULO, E. *Introdução à análise multivariada*. In.: CORRAR, L. J.; PAULO, E.; DIAS FILHO, J. M. (Coord.). *Análise multivariada para os cursos de administração, ciências contábeis e economia*. São Paulo: Atlas, 2007.
- SAY, Jean-Baptiste. *A treatise on political economy*. Philadelphia: Grigg & Elliott, 1832.
- SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. *Fatores condicionantes e taxa de mortalidade de empresas no Brasil*. Brasília: SEBRAE, 2004.
- SCHUMPETER, J. A. *The theory of economic development*. Oxford: Oxford University Press, 1934.